Ano XXIII — Lisboa, Março de 1967 — N.º 263

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A NOSSA HOMENAGEM

CARTA AO ESCRITOR FERREIRA DE CASTRO

Meu Caro Ferreira de Castro:

Agora, que parece ter-se extinguido o ruído das aclamações com que, durante todo um ano, Você foi justamente homenageado nas suas Bodas de Ouro literárias, deixe-me que eu, que em devido tempo, como sabe, me associei cordialmente a essas homenagens, o venha saudar em nome deste jornal, que há duas décadas se vem batendo, com modéstia de meios, sim, mas com galhardia, entusiasmo e funda dedicação, pelo revigoramento físico e, sobretudo, moral dos jovens portugueses.

*Nas suas andanças pelo Mundo, no sentido de, mais do que embeber-se da paisagem, perscrutar o Homem, deve Você, querido Amigo, ter encontrado com frequência grupos de Escoteiros, cujas altas aspirações de elevação da Juventude não ignora. A esses jovens de todas as latitudes une-os o mesmo ideal de fraternidade por que Você, em tantos dos seus livros admiráveis, tem pugnado. Esse ideal assenta numa Lei que pode considerar-se a súmula do mais alto pensamento dignificador do Homem. Encontra-se assim Você no mesmo plano e no mesmo campo em que se encontram os Escoteiros de todo o Mundo, porque se o Autor ilustre d'*A Selva, *dos* Emigrantes, *da* Terra Fria, *da* Eternidade, *d'*A Curva da Estrada *e d'*A Missão, *lembrado dos tempos quase pré-históricos e dolorosos em que era «aviador» no seringal Paraíso, em plena selva amazónica, teve sempre por escopo contribuir para melhorar a vida do Homem, libertando-o de todas as grilhetas que ainda o prendem, e dar-lhe a consciência da sua própria dignidade, o Escotismo, por sua vez, não visa a outro objectivo: tomando nas suas mãos a alma da Criança e do Adolescente, ainda maleável e dúctil, faceta a do Homem, nela incutindo os sentimentos capazes de o enobrecerem, resgatando-o das inferioridades que, apesar do adiantado do século (e por inconcebível que isso se nos afigure), em grande parte do Mundo ainda subsistem.*

Já vê Você que, sem jamais ter sido escoteiro, se encontra lado a lado com os que ao Escotismo deram todo o seu entusiasmo e os melhores dias da sua vida, e, por entre o cepticismo de uns, a indiferença de outros, a má vontade de muitos e até o escárnio de quase todos, continuam a bater-se na mesma trincheira, com denodo, com esperança, com fé, prontos, como aconselhava Kipling, a refazer a obra se ela ruir, alheios a desânimos e desprezando a descrença corrosiva, absolutamente certos de que, como escreveu o Fernando Pessoa, «tudo vale a pena, se a vida não é pequena», e que o Homem vale bem esse esforço, porque é ele, afinal, a razão de ser da Vida, que sem ele não teria qualquer sentido.

Por isso, meu caro Ferreira de Castro, se explica a homenagem deste jornal ao Escritor ilustre cujo nome há muito ultrapassou as nossas fronteiras e é conhecido em toda a Europa, que o mesmo é dizer em todo o Mundo, lido e aplaudido por tantos outros seus pares, que o admiram e lhe tributam aquela estima que a todos nós devem merecer aqueles que, pela pena, se batem por um mundo melhor, por um mundo de paz, por um mundo de justiça, sem ódios a separar os homens, sem fome a dizimar populações inteiras, sem analfabetismo a predispor os desprotegidos de bens para aceitarem de boamente o domínio vexatório de todas as tiranias ou os grilhões da nefanda escravidão.

Você foi, de facto, o primeiro grande escritor português, depois de Eça de Queirós, a ser notado pelas gentes cultas de além-fronteiras, mercê desse livro portentoso que deu a volta ao Mundo e as camadas cultas de todos os países não ignoram: A Selva. *Foi através desse romance, com tanto de autobiográfico, que, como disse Blaise Cendrars, Você escreveu* «pour se libérer d'une hantise», *desse livro que, em suas próprias palavras, devia «a essa Amazónia longínqua e enigmática, pelo muito que fez*

Continua na pág. 3

9.º JAMBORI DO AR

A Repartição Mundial de Escotismo pôde já anunciar que o 9.º Jambori do Ar realizado em Outubro passado constituiu um grande êxito, a despeito de, no mesmo fim de semana, se efectuar uma iniciativa semelhante, promovida por uma organização de rádio-amadores.

O bem elaborado relatório que aquela Repartição fez distribuir contém uma interessante reportagem gráfica do acontecimento, onde se pode ver uma fotografia publicada pelo «Diário de Lisboa», e resumos dos relatórios de cada país participante. Na contra-capa, publica uma fotomontagem de recortes de imprensa com referências à actividade, que reproduzimos na página 8, vendo-se, no topo superior esquerdo, uma boa reprodução da última página de «Sempre Pronto» de Setembro e, mais abaixo, um recorte do «Diário de Lisboa».

Continua na pág. 8

Que é o Escotismo?

Quando às vezes tento obter uma resposta para esta simples pergunta: — Que é o Escotismo? — os meus pensamentos ganham tal velocidade que, precipitando-se uns sobre os outros, me impedem de alcançar uma resposta clara, o que me leva a interrogar-me se essa resposta existirá efectivamente.

Creio que esta pergunta poderá significar mil e uma coisas diferentes, consoante as pessoas a quem for dirigida. Todavia, é neste facto que, segundo penso, reside a grande magia do Escotismo, não certamente uma magia que provenha da habilidade de mãos ou da ilusão de óptica de um auditório.

Recordo-me que, quando era pequeno, meu pai possuía uma máquina maravilhosa: — uma lanterna mágica! Lembro-me disso por dois motivos: o primeiro, devido ao facto desse aparelho ter sempre uma temperatura escaldante, o que o fazia deitar um cheiro desagradável, que nos provocava quase que uma inexplicável aversão; o segundo, pelas lindas imagens que projectava na tela que estava pregada na parede.

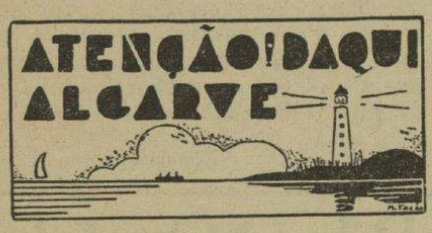
Era a faculdade de projectar essas imagens que justificava o nome de «lanterna mágica» que aquela máquina tinha.

Para uma criança, como eu, essa lanterna não só era mágica, como possuía ainda um ar simultâneamente excitante e invulgar. Porém, o seu valor principal residia na particularidade de nós nunca sabermos o que ia aparecer na tela, pelo sentimento de imprevisto que tal facto em nós provocava.

É pela forma como VOCÊ PROJECTA o Escotismo, que este pode sugerir, ou não, um pouco deste efeito junto dos lobitos ou dos escoteiros. A imagem do Escotismo que VOCÊ VAI PROJECTAR é, sem dúvida, importante, mas é sobretudo o facho de luz e o carácter mágico da «sua lanterna» que determinarão os contornos, os atractivos e o interesse da imagem que você irá mostrar.

CHARLES MACLEAN
Escoteiro-Chefe da Comunidade Britânica

(Adaptado da revista «The Scouter»)



Lobitos de Olhão

Está em grande desenvolvimento a alcateia de Lobitos do Grupo n.º 6, sob a orientação do Aquelá sr. Hélder Basílio Oliveira Diogo. A alcateia é agora constituída por quatro Bandos: castanho, verde, cinzento e branco, que estão muito activos e os seus lobinhos cheios de entusiasmo, esperando realizar muito *boas caçadas* em 1967, bem como constantes *boas acções*.

Para a campanha da Páscoa de assinaturas do «Sempre Pronto», a alcateia enviou já quatro assinaturas.

FILATELIA

Selos e Catálogos Temáticos (2)

Por
José Manuel Mendes Marques

(Continuação)

HOLANDA — Em 2 de Maio de 1949, este país emitiu uma série de 5 selos com sobretaxa a favor das obras culturais juvenis. Dos cinco, dois são dedicados ao escotismo, sob desenho de P. Citroen.

O primeiro, de 5 cent. + 3, litografado em amarelo e azul, mostra um escoteiro e uma guia, em excursão, devidamente equipados. O Segundo, de 6 + 4, de cor verde escuro, apresenta dois escoteiros cozinhando defronte das suas tendas. Em ambos, o denteado é de 14 × 12 ¾, sendo emitidos, respectivamente, 749 987 e 946 757.

LIECHTENSTEIN — A 19 de Dezembro de 1932, por ocasião do jubileu do Príncipe Francisco I, os correios do Principado emitiram uma série de 3 valores, cuja sobretaxa era destinada às obras juvenis.

O terceiro da série, 30 *rappen* + 10, azul, mostra-nos o Príncipe e aos lados um escoteiro e uma guia, aquele empunhando uma bandeira, e esta um ramo de flores. A emissão foi de 33 499 exemplares.

POLÓNIA — Para comemorar o retorno à Pátria-Mãe do território de Teschen, até então sob domínio da Checoslováquia, foi, a 11 de Novembro de 1938, emitido um selo de cor violeta, com denteado de 12,5 × 13, de 25 *groszi*, com uma emissão de 10 000 000.

Tendo por fundo uma figura alegórica, símbolo da Pátria, surgem em primeiro plano 3 figuras abraçadas, sendo uma delas um escoteiro com a sua vara.

Nos 21 anos de independência, período decorrido entre a 1.ª e 2.ª guerras mundiais, o escotismo foi a associação juvenil mais florescente do país. A ocupação nazi e russa relegou o movimento para a clandestinidade, tendo os escoteiros, nesta emergência, praticado incríveis actos de heroísmo na luta contra o invasor.

(Continua)

(Do Boletim do Clube Filatélico de Portugal)

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE SELOS DE PORTUGAL

De 18 a 22 de Fevereiro passado, na cidade de Viena, capital da Áustria, realizou-se esta segunda exposição, que teve grande relevo.

Portugal esteve ali representado pelo Sr. Artur Pereira Barbosa, conhecido escoteiro e filatelista, membro do Corpo Nacional de Escutas.



HÁ 20 ANOS
"SEMPRE PRONTO"
PUBLICAVA:

Uma opinião sobre Baden-Powell

Sou pessoalmente um velho e devotado admirador desse grande educador que teve a intuição das necessidades da juventude em nossos dias.

Ele tem a glória, que ninguém lhe poderá tirar, de haver sido o primeiro a dar solução ao problema fundamental de compensar na educação da gente nova o excessivo sedentarismo da vida escolar e profissional, a mecanização e uniformização dos hábitos e o ambiente insalubre das cidades com o campismo, os ritos imaginosos da selva e o culto do ar livre.

Foi ele ainda que preconizou a vantagem de organizar verdadeiras sociedades juvenis reguladas por um código de honra muito simples mas rigoroso, onde se cultivassem os sentimentos de cavalheirismo e se fizesse a formação do carácter.

Em anos sucessivos de trabalho, Baden-Powell conseguiu dar corpo às suas concepções fundamentais e com exemplar tenacidade construiu esse prodígio de doutrina e de técnica pedagógica que é o escotismo.

Prof. Dr. Marcelo Caetano

Um conselho de "Sir" Charles Maclean

Chefe Escoteiro Nacional da Comunidade Britânica

Foi há 60 anos que Baden-Powell escreveu o seu livro **Scouting for Boys**, dando ao mundo, por essa forma, uma nova achega para o desenvolvimento do carácter e das aptidões dos rapazes.

De vez em quando, via ele ser necessário insistir sobre o perigo de que a simplicidade, que é a essência da ideia do Escotismo, viesse a ser obscurecida pelo excesso de organização.

Dizia ele: «...Por *escotismo sintético* quero significar que, se a forma natural do sistema escotista se tornar imprecisa devido à roupagem exterior das disposições regulamentares e leitura instrutiva em excesso, o que originalmente não era mais que um jogo do ar livre, poderá converter-se numa ciência para os chefes e num **curriculum** escolar para os rapazes».

Presentemente, um número crescente de auxílios mecânicos e tecnológicos para a prática do escotismo têm-se mostrado úteis; mas embora eu esteja convencido da sua completa utilização, creio igualmente que devemos, mesmo assim, prestar atenção às recomendações do nosso Fundador, não permitindo que esses auxílios se tornem mais que um meio de dar aos rapazes maiores alegrias na prática deste jogo que é o Escotismo.

(Do **Scouter** — Fevereiro de 1967)

Carta ao escritor Ferreira de Castro

Continuação da pág. 1

sofrer os primeiros anos da [sua] adolescência e pela coragem que [lhe] deu para o resto da vida», foi através dele que o seu nome surgiu a plena luz na ribalta das Letras, abrindo-lhe de par em par as portas do caminho da glória e compensando-o fartamente desse largo período de obscuridade, dor e miséria que para sempre o marcaram.

Tê-lo-ia efectivamente compensado a glória fartamente, como acima escrevi? Não, querido Amigo, não. Quem um dia sentiu na carne e na alma cravar-se as unhas aguçadas da miséria e no rosto a chicotada do desprezo dos grandes do Mundo pelos que nada têm senão uma alma sedenta de Justiça social, não pode esquecer, por muito alto que ascenda na escala da vida, o negro passado de dores que nenhumas lágrimas são capazes de lavar. Escreveu o grande Macaulay, num ensaio célebre, que o famoso Dr. Johnson, pontífice da crítica inglesa nos meados do século XVIII, romancista, jornalista, lexicógrafo, já glorioso, escutado e adulado, qualquer que fosse o lugar e a ocasião em que devesse comer, não podia ocultar a voracidade com que devorava os alimentos, vezo que lhe ficara dos tempos em que, mais infeliz do que os cães, nem um osso tinha para roer. E que dizer desse outro português universal e grande desgraçado, Camões, que, no testemunho de Diogo do Couto, em Moçambique «era tão pobre que comia de amigos»?

Nem todos podem alcançar a glória de jacto, como Chateaubriand e Vítor Hugo, casos excepcionais, porque desde, pelo menos, o Homero cego a cantar as suas «rapsódias» pelas estradas da Hélade de oiro e azul, sempre os que se votaram à missão, tão nobre e tão ingrata, de escrever, se viram forçados a passar sob as Forcas Caudinas da miséria, da incompreensão e da dor, tantas vezes para só post mortem *alcançarem o renome.*

Você, Ferreira de Castro, foi dos poucos felizes que pôde atingir o acume da glória literária, e, devo dizê-lo, mais por força da admiração do Estrangeiro do que pela unanimidade de voto dos seus compatriotas. Sabe Você muito bem que, pelo menos desde a era evangélica, ninguém é profeta na sua terra; Você não poderia constituir excepção...

Em geral, querido Amigo — e disso tem Você muito melhor conhecimento do que eu, avesso visceralmente a tertúlias e grupinhos — em Portugal a aura literária nasce nos cafés, por entre as nuvens de fumo dos cigarros e as mil-e-uma picuinhas que os frequentadores, «homens de bom saber», vão lançando aos ares na fácil improvisação do momento. Num país pequeno como o nosso, em que, apesar do aumento dos que sabem ler ainda tão poucos sabem «digerir» as leituras, em que abundam os analfabetos letrados, e os críticos, assumindo ares pontificais, decretam urbi et orbi *quem deve ser ilustre e consagrado; em Portugal, ia eu dizendo, está-se sempre à espera de que a crítica inteligente do outro lado dos Pirenéus eleve um português a grande homem, para depois, em multidão festiva e com cartazes profusos de loquacidade em estilo radiofónico, virem os nacionais dizer que sim, que tal indivíduo é homem notável e que até a crítica estrangeira o consagrou como tal.*

Se bem profundarmos o mistério, veremos que, no íntimo, esses se regozijaram não por tal ou tal indivíduo ser na realidade *um génio ou um talento de primeira água, mas tão-sòmente por* eles *serem seus compatriotas. É, afinal, um indício daquela vaidadezinha toda provinciana de que são índice muitos dos que pontificam nos lugares notórios da ociosidade nacional, os cafés, até nesta cidade pacata de onde estou a escrever-lhe.*

Por isso é que ainda hoje há quem, um pouco à contre-coeur, *o aclame a Você como grande Escritor, não porque o tenha lido, ou, se o leu, o tenha compreendido na sua ânsia de redenção do Homem, mas porque* A Selva *se encontra traduzida em mais de dez línguas e alguns dos críticos mais exigentes da Europa teceram elogios à sua obra. Esta atitude traz-me à lembrança aquela a que, com graça, Eça de Queirós se referiu numa carta famosa a Camilo, dizendo que os amigos deste não o admiravam por ele ser «o ardente Satírico, neto de Quevedo», que pusera «ao serviço da sua apaixonada misantropia, o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular», mas apenas, «secamente e pecamente», por o considerarem o homem que em Portugal conhecia mais termos do dicionário!*

Não, querido Amigo, Você não é um grande Escritor porque a crítica estrangeira o consagrou antes da nossa, ou porque a nossa pobre crítica o descobrisse entre a legião quase infinita daqueles que escrevem. Você é grande porque a sua Obra transcende muitíssimo a de todos aqueles que se entretêm a escrever para se reverem naquilo que escrevem, como o Narciso da fábula no espelho de água, sem outro escopo que não seja a sua própria gloríola. Como escreveu o nosso chorado Jaime Brasil — e não posso esquecer que foi pela mão deste desaparecido amigo que eu, no remanso de Sintra, tive o gosto de, pela primeira vez, o conhecer e abraçar — Você foi «o construtor da sua própria personalidade». Tendo passado «a infância numa aldeia serrana e a adolescência no recesso da floresta virgem», Você não teve, como tantíssimos privilegiados da fortuna, possibilidade de adquirir, lentamente, a cultura que, infelizmente, tantos se mostram incapazes de utilizar. Não teve a fortuna, mas tinha uma alma sequiosa

Continua na pág. 5

"SEMPRE PRONTO" E OS SEUS AMIGOS

É consolador verificar a forma como constantemente se revela a dedicação dos leitores pelo «Sempre Pronto».

Mês após mês temos a registar novas provas de simpatia por este jornal, traduzidas não só por manifestações de carinho e de incitamento, mas também através de contribuições materiais, que colocam à nossa disposição os meios necessários para vencer as dificuldades que nos assoberbam.

Este mês, podemos incluir o nome do nosso estimado amigo e assinante sr. José Libório Trancoso, de Lisboa, na lista dos nossos dedicados Patrocinadores.

Outro gesto digno de menção é o do industrial sr. António Pinto, de Queluz, que nos ofereceu cartões impressos do nosso jornal.

A estes prezados colaboradores os nossos agradecimentos.

O Inquérito de «Sempre Pronto»

Pelos depoimentos já publicados, podem os nossos estimados leitores avaliar do interesse que esta iniciativa de «Sempre Pronto» está despertando no meio escoteiro, bem como da vantagem da discussão de problemas, cuja oportunidade é reconhecida por todos quantos a este assunto vêm dedicando a sua atenção.

Uma anormal acumulação de original, impede-nos de publicar novos depoimentos este mês, o que continuaremos a fazer no próximo número. No entanto, aproveitamos esta pausa para dar a conhecer uma carta do antigo dirigente escotista e nosso prezado assinante sr. Dr. Fausto Salazar Leite, em que pede excusa de responder ao nosso inquérito, mas que o faz em termos tais que constitui, sem sombra de dúvida, uma verdadeira tomada de posição em relação ao problema debatido.

Diz este antigo dirigente:

Meus caros Amigos do «Sempre Pronto»:

Há uns dois meses que recebi a vossa carta acerca do inquérito sobre a actual situação da A. E. P.; desde então ela tem estado bem lembrada, na algibeira do meu casaco de casa. Refiro este pormenor tão prosaico para evidenciar que a tenho tido sempre à mão. Mas a dificuldade tem estado no encontro de uma forma de conciliar o desejo de corresponder à vossa muita deferência com a obrigação de poder ser construtivo na resposta. É que se torna impossível — tenho de concluir e, decerto, outro tanto sucederá convosco — a quem desconhece o problema, nos seus presentes e próximos passados aspectos da vida da Associação, ter uma opinião fundada, uma opinião que não seja engendrada sobre meras hipóteses ou presunções.

Provam os documentos, hoje históricos, e a tradição oral, ter havido períodos de vida activa ou muito activa, e de real progresso, mercê de um conjunto de circunstâncias favoráveis, espontâneas ou construídas. Nalgumas estivemos envolvidos como tantos outros dos nossos companheiros.

Nos tempos e no ambiente educativos presentes, circunstâncias mesológicas desfavoráveis — quanto a nós — haverá forças e meios capazes de construir as suficientemente fortes para anular aquelas e criar o clima para um efectivo progresso?

Só o conhecimento da vida interna da A. E. P. poderá dizer se será ainda possível anular as causas cujos efeitos estão bem à vista, para abrir novo caminho susceptível de bem satisfazer os fins exclusivamente educativos (no justo significado do adjectivo) do movimento escotista.

Eis porque me considero incapaz de responder, no vosso inquérito que seguirei, através do persistente «Sempre Pronto», com o natural interesse.

Reitero os meus agradecimentos pela vossa atenção por um dos do tempo passado, e creiam-me

«Sempre Pronto» (para o que for capaz de servir)

23/2/67.

a) *F. SALAZAR LEITE*

UMA SUGESTÃO

O inquérito que «Sempre Pronto» está a promover, se não tiver outro mérito, conseguiu pelo menos despertar interesse pelos Escoteiros de Portugal. Temos recebido diversas sugestões, manifestações de apoio, discordâncias, e até uma carta preocupada pelo facto de que, falando nós em Movimento, se poderia julgar que se tratava também do C. N. E. Claro que não há razão para tal receio. Estamos tratando da crise da Associação dos Escoteiros de Portugal. Sabemos bem que o C. N. E. atingiu um desenvolvimento nunca até agora igualado.

Há, porém, uma sugestão que não queremos deixar de transmitir, pois nos parece útil e viável. Vejamos:

Verifica-se que, infelizmente, são os Grupos de Escoteiros de Portugal que se encontram fracos, com uma actividade defeituosa, desactualizada, sem entusiasmo, nem sentido pedagógico. Há que fazer qualquer coisa para que as unidades escoteiras saiam da letargia em que caíram, encontrem novos e melhores caminhos para atrair e entusiasmar os rapazes. Nota-se que os actuais chefes escoteiros têm falha de imaginação e não sabem quais as actividades que podem e devem oferecer aos rapazes.

Então por que não constituir um grupo de escoteiros modelo? A primeira tentativa deste género poderia ser tentada em Lisboa. O novo grupo seria patrocinado pela Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, que lhe facultaria ou procuraria angariar os meios materiais, dando assim sentido à finalidade para que foi criada.

A parte técnica, a chefia do grupo, ficaria sob a orientação da Escola Central de Chefes. Os Dirigentes, jovens dirigentes notemos, formados com os Cursos de Insígnia de Madeira, fariam naquele Grupo Modelo o seu tirocínio durante um período limitado, embora a Escola de Chefes orientasse sempre a actividade.

Os primeiros membros deste Grupo seriam filhos de Antigos Escoteiros, muitos dos quais ainda não ingressaram no Movimento porque os pais não sabem qual o grupo a que devem confiar seus filhos.

Esta nova unidade dos Escoteiros de Portugal procuraria despertar um espírito de emulação com os pouco activos grupos existentes, impondo-se pelo seu prestígio e pela sua acção, desempenhando afinal o papel de Grupo Modelo.

Não seria já um grande progresso se tivéssemos um bom Grupo de Escoteiros de Portugal em Lisboa?

Aqui fica a sugestão que nos foi feita. Não será de aproveitar? A Escola de Chefes e a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal têm a palavra e talvez ocasião de prestar um autêntico apoio ao Movimento.

*
* *

Acaba de chegar à nossa Redacção outra e interessante sugestão acerca da organização da Divisão de Caminheiros em todo o país. A ela faremos a devida referência no próximo número.

Carta ao escritor Ferreira de Castro

Continuação da pág. 3

de saber, «uma inquietação estética, incerta e pesquisadora como lanterna errando num subterrâneo» e que, facetando-lhe a personalidade e fortalecendo-lhe o carácter, o haviam de conduzir, lenta mas firmemente, até ao lugar cimeiro onde hoje se encontra.

Você pôde, assim, erguer uma obra do mais alto valor humano, porque, sem que o possamos considerar escritor engagé, *(pelo menos como cá costumam interpretar a expressão), Você pôs essa obra ao serviço do Homem. Foi pelo Homem que Você se bateu e é por ele que continua a bater-se, como breve o vai demonstrar o seu próximo livro com a história da aventura prodigiosa e humaníssima do general Rondon. O «Alberto»* d'A Selva, *o «Horácio» da* Lã e a Neve, *a «Ermelinda» da* Terra Fria, *o «Juvenal» da* Eternidade, *o pobre «Manuel da Bouça» dos* Emigrantes, *o «Albano» da* Tempestade, *o «George Mounier» d'*A Missão, *esse doloroso par do «Januário» e da «Clarinda» d'*A Experiência, *e, quanto a mim superior a todos, o admirável «Soriano» d'*A Curva da Estrada *constituem, na longa teoria das personagens a que Você deu vida, os tipos mais impressivos e impressionantes pela sua humanidade, em todos sofredora mas aspirando a uma libertação desses resquícios de velhos preconceitos que ainda prendem o Homem e o amarfanham irremediàvelmente.*

Você, meu caro Ferreira de Castro, deu assim aos nossos jovens uma lição admirável de perseverança, de tenacidade e de fé, lutando a despeito de quantos embaraços lhe surgiram no caminho, de olhos bem fitos em frente na prossecução de um ideal sonhado que a pouco e pouco se tornou realidade. Crente na superior missão do Homem sobre a Terra, Você devotou-se-lhe dedicada e desinteressadamente, pelo que, no decurso das suas viagens de que resultaram essas obras-primas dos Pequenos Mundos e Velhas Civilizações *e* A Volta ao Mundo, *a sua emotividade, tão portuguesa, sentiu-se ferida na carne pelas desigualdades sociais ainda reinantes no globo, pela ominosa exploração do Homem pelos homens, pelo ódio que separa tantos seres humanos que vivem em todas as latitudes, pelo odioso racismo, pela mentira posta ao serviço de ideologias retrógradas, pela fome que avassala dois terços da população da Terra.*

*Das suas viagens trouxe Você, com aquele maravilhoso pecúlio de beleza que depois liberalmente repartiu com os seus leitores n'*As Maravilhas Artísticas do Mundo, *uma experiência dolorosa que o impulsionou a perseverar na rota aberta há 37 anos com* A Selva. *E que o seu esforço não foi vão prova-o a consagração do ano passado, verdadeiramente nacional porque em quase todas as cidades do país o seu nome foi entusiàsticamente glorificado, salientando-se a homenagem da minha terra, o Porto, onde Você teve oportunidade de sentir bater junto do seu o coração da velha cidade inconformista, em que pela primeira vez viu a luz o seu livro famoso.*

Mas eu não estou aqui, nem o pretendo — quod Deus avertat! — *a fazer a crítica da sua Obra, acerca da qual tantos nomes ilustres, no decurso dos anos, se pronunciaram. O meu desejo é apenas interpretar o pensamento e o sentir dos bons amigos deste jornal, que muito o admiram e por si nutrem a maior estima intelectual, e pretendiam manifestar-lhe, no seu Ano Áureo, pùblicamente essa admiração por verem que quer com a sua vida de luta e de esforço tenaz, quer com a sua Obra humaníssima, Você está, afinal, a servir os mesmos ideais do Escotismo, tal como o general Baden-Powell os traçou em livro também famoso e publicado há quase 60 anos.*

Neste jornal modesto, eu, modesto artífice da pena, já fora do ciclo nacional da sua consagração, venho trazer uma pequenina palma votiva, também modesta, ou talvez um pequenino ramo destas flores silvestres do Norte, de que Você tanto gosta, contributo significativo dos Escoteiros de Portugal.

Porque sei como Você é profundamente humano e compreensivo, tenho a certeza de que aceitará na sua simplicidade esta homenagem, modesta, sim, mas fundamente sentida, que pela minha pobre pena lhe presta este jornal, e com ela aceite também um afectuoso abraço deste amigo que muito o admira, muito o estima e se confessa

et nunc et semper

Braga, Março de 1967.

A. ÁLVARO DÓRIA

ANTIGOS ESCOTEIROS

Uma excursão à Batalha no dia 9 de Abril

No próximo dia 9 de Abril, a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, de colaboração com o grupo n.º 93, de Sintra, promove uma excursão à Batalha, a fim de, no histórico Mosteiro, os visitantes tomarem parte nas patrióticas cerimónias junto do túmulo do Soldado Desconhecido.

O programa que a Fraternal oferece nesse dia é verdadeiramente aliciante. A partida será feita, de Lisboa, às 7 horas prefixas do dia 9 de Abril, que é domingo, junto da sede da Fraternal, na Rua de S. Paulo, n.º 254.

Em Torres Vedras será a primeira paragem, para o pequeno almoço e encontro com o autocarro do «93», de Sintra. A caravana seguirá, depois, para a Batalha, passando pelas Caldas da Rainha e Alcobaça.

Depois das cerimónias comemorativas do 9 de Abril, os excursionistas partem para Tomar, onde se realizará o almoço.

O troço seguinte será até ao Entroncamento. Nesta vila, realizar-se-á um dos mais interessantes números do programa da excursão: a visita aos escoteiros do Grupo n.º 84. Estamos certos de que a hospitalidade dos rapazes do «84», tantas vezes demonstrada, vai tornar a passagem dos forasteiros pelo Entroncamento como dos melhores momentos da excursão.

A tirada seguinte será até Santarém, onde se jantará. Depois é o regresso a Lisboa, onde se chegará cerca das 23 horas.

Segundo temos conhecimento, há grande interesse por esta excursão, pelo que não é difícil vaticinar que, com esta iniciativa, será reatada a tradição das grandes excursões dos Antigos Escoteiros.

A passagem, em autocarro, custa 70$00 por pessoa, e as inscrições podem ser feitas nos locais habituais ou na sede da Fraternal.

Os companheiros que se desloquem em automóvel poderão juntar-se à caravana em qualquer dos pontos do percurso.

Na Fraternal, vendem-se distintivos, tanto individuais, como para automóvel.

Vamos à Batalha, no dia 9 de Abril com a Fraternal!

Uma correcção

No último número do nosso jornal, uma lamentável gralha pousou na Nota da Redacção que publicámos no final do depoimento do nosso estimado camarada E. C. Armando Garcia Inácio, quando aludíamos ao efectivo oficial do Corpo Nacional de Escutas.

Dizíamos que, presentemente, a Associação irmã contava 1 200 escutas e dirigentes nas suas fileiras, quando na verdade esse número se cifra em 12 000 elementos.

Aqui deixamos a correcção da lamentável gralha tipográfica, com o pedido de desculpas aos nossos estimados leitores.



PARA LÁ DA RAIA

Para o longe, estendiam-se as charnecas, cheias de trigo. Aqui e além, o «monte» dá uma nota de brancura àquela imensidade de ouro. Borbulham troncos ressequidos pelo sopro ardente do sol.

É nos fins de Junho, quase no tempo das ceifas. De um sobreiro, cujo tronco, desnudado, parece sangrar, vem o zangarreio estrídulo das cigarras. O céu é de fogo e o próprio ar que se respira parece lufada saída das chamas.

Estamos no Alentejo. Em frente do «Monte de Santa Teresa», a meia hora de caminho de Elvas, apeiam-se, de um soberbo automóvel, um velhote de aspecto distinto e um rapazinho aparentando os seus doze anos.

Bateram à porta. No limiar, um camponês alto, robusto, as suíças cobrindo-lhe a face, assomou, curioso:

— Salve-os Deus! Que desejam desta vossa casa?

— Vimos da parte do seu irmão Francisco. Somos os Vargas de Olivença...

O dono da casa cumprimentou os visitantes com afabilidade.

Como todos os outros, aquele «monte» abrangia, além da casa de habitação, a queijeira, a casa da amassadura, o quarto dos criados, a arrecadação para os malteses e a estrebaria, além da divisão destinada aos pobres de pedir, aos caminheiros que, quer a noite seja morna, quer batida de gelo, vão implorar do «monte» a mercê duma «ficada»...

Com o chão de tijolo, a sala de entrada mostrava o vasilhame rebrilhante e as cantareiras. No fim dos corredores, brancos de cal, encontravam-se a casa de jantar e a cozinha, onde ardia o azinho e o sobro e se alinhavam potes de barro, enfeitados a rosmaninho.

Os celeiros e as cabanas reuniam-se em torno do «monte», não muito longe da eira e dos tanques destinados a dessedentar o gado. De vez em quando, um serviçal entrava ou saía, ajoujado com os utensílios da lavoura.

— Ora então, — começou o dono do «monte» — vieram conhecer o Alentejo, a charneca...

— Sim, senhor Gomes. É que o meu neto fez exame de instrução primária em Olivença e agora quer ir continuar os seus estudos no liceu de Évora.

— No liceu de Évora?! — fez o alentejano, espantado. — Então porque não vai estudar para Espanha, que é o seu país?

O senhor Vargas retorquiu:

— O meu amigo certamente não conhece a situação de Olivença... O seu irmão nunca lhe disse o que lá se passa?

— Não, — admirou-se o dono do «monte». — Mas o que me espanta é ele dizer que lá só se fala português. E isso é que, com sua licença, acho estranho, visto Olivenza ser espanhol...

— Pelo amor de Deus, senhor Gomes, não diga Olivenza. Olivença é que é!

— Cada vez percebo menos, senhor Vargas, cada vez percebo menos. Mas, então, Olivença é de Espanha, ou é nossa?

— Portuguesa, meu amigo, mas em poder de Espanha, por causa dum certo tratado. O senhor Gomes não ouviu falar no casamento da Rita, filha daquele ricaço de Elvas, o Assis?

— Ouvi. Casou à vontade do pai, com o Pereira ourives, mas ela parece que gostava do Miguel ferrador...

— Claro. E o que é que ela fez? Nunca se deu com o marido. É que o ourives apenas conseguiu dela o corpo, mas não lhe conseguiu conquistar o coração. Pois esse já a Rita o havia dado. É o caso de Olivença. A Espanha tem o território, mas o coração dos oliventinos é português, muito português...

Já vinha para a mesa o lombo de porco atolado em molho. As criadas do «monte» punham a mesa, sobre a qual uma jarra vermelha sustentava flores campestres.

— O senhor Gomes conhece Olivença?

— Não. Nunca passei a raia.

— Pois não é diferente do Alentejo. Assim que passamos a ponte do Caia, vemos planícies onde pastam rebanhos e voam bandos de corvos. Aparece a vila num repente, toda branca. Lá em cima, vê-se o castelo e, ao longe, a serra de Olor. Entramos em Olivença. Chegamos à praça de S. Fernando. O senhor Gomes conhece o feitio dos espanhóis?

— Se conheço. Estiveram aí no ano passado uns diabos a ajudar à debulha. Aquilo é que eram faladores! Palravam pelos cotovelos. Ninguém parava com eles...

— Os espanhóis são assim. Pois o meu amigo, se for a Olivença e entrar num café, vê tudo sossegado, calmo, pensativo. Olhe que não se ouve uma palavra em castelhano. E se o senhor Gomes der uma volta pela praça, vê as raparigas morenas, miúdas como as do Alentejo, de olhos escuros. Os rapazes de blusa escura e calção, falam português. As ruas são como as daqui, com casas térreas com um postigo tapado por uma cortina. Às vezes, nas paredes, vêem-se nichos. Só o que há lá de especial são gaiolas com perdizes, coisa que não se vê no Alentejo. Aqui e acolá, aparecem nas portas brasões portugueses. Até o fado, o fado português, se ouve... Aqui há tempos passou-se uma cena curiosa com um garoto...

— Com um garoto? — estranhou o camponês.

— Sim. Com um rapazito, colega de escola aqui do meu Rafael. Um sujeito veio de Portugal, a fim de pintar aspectos de Olivença. O garoto aproximou-se, falando, claro está, português. O pintor perguntou-lhe: «*Donde és tu?*» «*Eu cá sou de Olivença.*» «*Então, porque falas português?*» E o pequeno teve esta saída admirável: «*Porque sou português*». «*Não percebo. Então tu és de Olivença e Olivença é de Espanha, és espanhol*»: «*Então, sou espanhol...*».

O dono do «monte» riu do episódio. Continuando, o senhor Vargas apontou outro facto:

— Esse pintor encontrou uma velhota e perguntou-lhe: «*A senhora é portuguesa?*» «*Sou. Nascida em Olivença. Demais, portugueses são todos os daqui. Só os senhoritos que lêem livros e jornais é que falam castelhano. Os meus filhos só falam português*». «*Onde estão eles?*» «*Olhe, estão na tropa, lá em Espanha...*». Pois, senhor Gomes, até houve um administrador da vila que deu os nomes de D. Manuel I, Vasco da Gama e duque do Cadaval a três ruas das principais...

Continua na pág. seguinte

O aniversário de «Sempre Pronto»

A propósito da passagem do 22.º aniversário deste jornal, recebemos um amável ofício de felicitações do sr. Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz.

Também os nossos prezados amigos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, Jacinto dos Reis Moniz Silva, João Lobo de Miranda Trigueiros e Luís Simões Aurélio nos enviaram felicitações pelo nosso aniversário, bem como o Grupo n.º 6, de Olhão.

O importante jornal lisboeta «Diário de Lisboa» também nos dirige felicitações pelo mesmo acontecimento.

A todos, os nossos agradecimentos muito sinceros.

Os nossos contos

Continuação da pág. anterior

Assombrava-se o alentejano, ao ouvir o oliventino contar:

— A vila é um autêntico pedaço do Alentejo, um bocado de Portugal. Ali, os usos são os mesmos. Agora, se o senhor Gomes for a Olivença, lá vê as marchas de balões e archotes, as raparigas a saltar as fogueiras. Amanhã, véspera de S. João, as raparigas vão à igreja da Quinta dos Marçais morder as rexas do portão para que o santo não as deixe solteiras.

— Então, também se faz isso em Elvas, na igreja de S. João da Corujeira...

— É para que veja, meu amigo. Na Páscoa o senhor abade corre a casa dos paroquianos.

— É o folar — comentou o alentejano.

— Pois lá também se chama folar. Cá fazem arroz doce nas festas. Pois na minha terra também se faz lá um petisco desses que é de comer e chorar por mais... À entrada da vila vê-se o nome espanhol Olivenza e nas ruas vêem-se os letreiros «Calle», «Plaza». Mas olhe que ninguém conhece a Calle Moreno Nieto. Falem na rua do Juiz e toda a gente sabe onde é. Calle Vitoriano Parra? Isso sim! Rua das Atafonas e pronto! Há em Olivença um uso com muita graça e que é bem português. Às 8 da noite o sino dá três vezes trinta badaladas. E sabe o que dizem os oliventinos? Deu horas o sino da Câmara. Vá lá ensiná-los a dizer o «ayuntamiento».

*
* *

Era noite. Cobria-se o céu de um manto de estrelas. O alentejano levantou-se, pôs as mãos e deu graças a Deus. Vargas e o pequeno Rafael oraram também. Depois, foram todos dormir em santa paz...

Manuel Ferreira

Aprender com os Mestres

Brinquedos e brinquedos...

Tudo com que a criança brinca a estimula, a educa. Mas há brinquedos e brinquedos...

Os brinquedos complicados, que os pais geralmente armam e desarmam, são brincadeiras para os pais, arvorados em mestres de habilidades, mais que para os filhos.

Os brinquedos de luxo são ineficazes e decepcionadores. Representam o fruto proibido.

Os brinquedos de guerra são alarmantes. As guerras, mesmo de papel e de pedaços de chumbo, vincar-se-ão, quem sabe? nas pequenas mentes. Não poderíamos substituir tais brinquedos pelos bonitos carros de bombas e respectivos bombeiros, pelos lindos vapores, carros de corridas, motos, aviões, tractores, caixas de música, palhaços, etc.?

...Todo o brinquedo deve assumir, de perto ou de longe, um carácter formativo, educativo. Isto que significa? Que deve ajudar a criança a desenvolver-se dentro de umas normas racionais de evolução. Que satisfaçam e que bem a inspirem! Pequenina, deve brincar com coisas afins com as suas necessidades, objectos que a ajudem a correr, a imitar os outros, a produzir sons, etc.; mais crescidinha, com objectos em que ponha a sua fantasia criadora, que ela transforme a seu gosto e que, até, ela própria produza.

Tanto brinquedo verdadeiro eu tenho visto nascer de bolotas e de canas! nos sítios em que os pais não gastam dinheiro em frioleiras...

Mas acho muito bem que o gastem, podendo! É amor e entendimento.

IRENE LISBOA

(Transcrito do «Diário de Lisboa»)

A Região de Coimbra do Corpo Nacional de Escutas vai dispor de um Campo-Escola de Escotismo

A Junta Regional de Coimbra do C. N. E., acaba de adquirir em Cernache, a poucos quilómetros de Coimbra, um terreno baldio onde vai instalar um campo-escola para os elementos daquela zona. A iniciativa concretizou-se graças ao espírito de iniciativa e esforços do chefe regional adjunto, sr. José Carlos de Sá, bem como ao apoio de todos os membros daquela Junta, da Fraternal Nuno Alvares Pereira (antigos escutas), que votou um subsídio de 1.500$00, bem como do Governo Civil de Coimbra que votou igual verba. Muitos outros antigos escutas contribuíram para tornar realidade aquela aspiração.

A Junta Regional está agora empenhada em reunir meios para realizar obras e trabalhos indispensáveis para o devido aproveitamento do terreno adquirido e instalar o Campo-Escola, que irá constituir um factor de progresso do Movimento no Centro do País.

Posto de observação

Pobreza franciscana

O Escotismo é um movimento de reconhecida utilidade pública.

Entidades responsáveis têm-lhe atribuído excepcional valor na formação dos jovens, cujo carácter ajuda a moldar no sentido de os tornar cidadãos úteis à Pátria, homens conscientes das suas responsabilidades e deveres.

As duas associações de Escoteiros existentes em Portugal foram oportunamente consideradas, pelo Governo da Nação, «instituições de benemerência», exibindo, qualquer delas, condecorações de reconhecido valor cívico.

Apesar de todo este *curriculum* e do brilhante historial de que se pode orgulhar, a A. E. P. viveu sempre em relativa pobreza e pobres têm sido todos os grupos que da mesma fazem parte.

Aliás, não tenho notícia de um só grupo de escoteiros que seja rico e creio que tal não existe em todo o Mundo.

A modéstia material é, pois, característica do Escotismo e isso poderá ser mais um motivo de orgulho para nós, escoteiros.

Mas, dentro da assinalada pobreza em que vivemos, é lícito desejar-se um mínimo de condições que nos permita cumprir com dignidade a tarefa que a nós impusemos.

É justo que desejemos ver os grupos de escoteiros instalados em sedes condignas, com a actividade salutar que é o Escotismo, capazes de proporcionar, aos jovens que acolhem, um ambiente higiénico e saudável; é, ainda, razoável pretendermos ver os grupos suficientemente organizados, dispondo de dirigentes competentes e material capaz, para manterem uma actividade regular e proveitosa.

Todavia, para além do elemento humano que infelizmente nos escasseia, nota-se uma carência confrangedora de meios materiais que nos leva a uma situação de completa indigência, que em nada ajuda o sentido educativo do Movimento e cerceia boa parte das iniciativas que, porventura, têm surgido, tendentes a melhorar o estado actual das coisas.

É certo que nos grandes momentos surgem apreciáveis verbas. Mas não seria possível dotar os Serviços Centrais com receitas regulares, quer através de quotizações auxiliares, quer por meio de comparticipações oficiais periódicas?

Sabendo-se com o que se poderia contar, era, talvez, possível estabelecer-se um conveniente programa de trabalho que permitisse uma acção revitalizadora e verdadeiramente útil aos jovens da nossa terra.

Ou negar-se-á à A. E. P. a natureza de instituição educativa que possui?

Mariano Garcia

ESTADOS UNIDOS

Aviso contra o vício do fumo

O Departamento Alfandegário anunciou recentemente em Washington que os cigarros de marca estrangeira vendidos ou distribuídos nos U. S. A. deverão a partir de agora trazer um aviso sanitário. Tratar-se-á do mesmo que é já mencionado nos maços de cigarros de marca americana, os quais trazem a seguinte frase impressa: «Atenção: o uso do cigarro pode apresentar riscos para a sua saúde».

(Do «*Boletim Cooperativista*»)

SEMPRE PRONTO

Número 263

O

Março de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal do Cooperação Escotista

9.º JAMBORI DO AR

Continuação da pág. 1



Por aquele relatório, podemos verificar que participaram neste 9.º Jambori do Ar 67 países (não dando a este termo o significado de nações, mas de zonas geográficas e políticas distintas) e mais de três mil estações de rádio-amadores.

Foi particularmente significativo o êxito obtido nos Estados Unidos, onde, em virtude de uma publicidade mais intensa nas revistas escoteiras e num jornal de rádio-amadores, um grande número de rádio-amadores colaboraram no empreendimento. Os números falam por si: Em 1965 operaram 132 estações; em 1966 operaram 1500!

Em Moçambique, colaboraram 7 estações, tendo a organização, no plano provincial, estado a cargo — segundo se lê naquele relatório — do sr. João N. R. Vinhas, um amador de rádio que abraçou o Escotismo, enquanto há ali um Escoteiro que se dedicou ao rádio-amadorismo, tudo em consequência das iniciativas do Jambori do Ar.

10.º JAMBORI DO AR

A próxima actividade deste género, a 10.ª, vai realizar-se no fim de semana de 4 e 6 de Agosto deste ano, para coincidir com a data do 12.º Jambori Mundial. Como é natural, uma estação emissora vai funcionar no local do Jambori que, como é do conhecimento dos nossos leitores, se efectua nos Estados Unidos, no Parque Farragut, estado de Idaho.

"Sempre Pronto" aguarda a sua adesão como Patrocinador. Remeta-nos um postal, ou faça-nos um telefonema, comunicando a sua adesão.

S. O. S.!

— Quem acode aos escoteiros de Florença?

Os últimos meses ficaram tristemente assinalados pelas tempestades violentíssimas que têm desabado sobre algumas regiões do Globo, onde semearam a miséria e a destruição.

A juntar a estas deploráveis consequências, há a lamentar ainda a perda de numerosas obras de espírito, quando inundações de uma violência fora do comum atingiram as cidades de Florença e de Veneza, em Novembro do ano transacto.

O inventário dos prejuízos causados pela torrente caudalosa das águas que invadiram estas cidades é deveras desolador: nada menos que 885 obras de arte de primeira categoria, 18 igrejas e cerca de 10.000 objectos de arte foram sèriamente afectados. Além disso, mais de 700.000 volumes de arquivos, ou seja 50 milhões de peças, das quais 10 mil são de inestimável valor histórico e científico, ficaram deteriorados após as inundações!

Obras de artistas famosos, como Masaccio, Bronzino, Ticiano, Luca della Robbia, Lourenço Ghiberti, Pisano, Fra Angelico, Andrea del Sarto, Velasquez, Vasari, Alessandro Allori e Orcagna, sofreram estragos consideráveis, devido às infiltrações da água ou por terem sido arrastadas na torrente.

Para os escoteiros, a catástrofe teve ainda outros dolorosos efeitos, pois tanto em Veneza, como especialmente em Florença, sofreram avultados prejuízos com as inundações.

Nesta última cidade, as sedes de, pelo menos, seis grupos foram destruídas, perdendo-se todo o material de campismo. A sede regional e o serviço de material e uniformes também sofreram as consequências da chuva torrencial, pelo que noventa por cento da existência de mobiliário e material, se inutilizou.

Esta série de calamidades que vitimou os escoteiros de Florença veio pôr à prova a solidariedade escotista internacional. Por este motivo, as associações escotistas de vários países meteram ombros a uma campanha destinada a angariar meios para acudir aos escoteiros daquela cidade. A camaradagem escotista teve agora uma oportunidade invulgar para dar provas da sua força, oportunidade que, segundo tudo parece revelar, não será desperdiçada.

E os Escoteiros de Portugal? Apesar de sermos poucos e de estarmos preocupados com outros problemas, não vamos querer demonstrar, ainda que de uma forma um tanto simbólica, o nosso espírito de cooperação, oferecendo aos escoteiros de Florença um auxílio que contribua para eles fazerem face às dificuldades que os assoberbam?

Aqui fica o apelo.